



Nesta edição

ALGUMAS PALAVRAS DO EDITOR (p. 2)

RETROSPECTIVA ALBIG 2022 (P. 3)

FATOS E FOTOS – LANÇAMENTO ANTOLOGIA 2022 - (p. 4)

FATOS E FOTOS – POSSE DOS NOVOS ACADÊMICOS - (p. 5)

EM DESTAQUE (p. 6, 7 e 8)

TEXTOS DOS ACADÊMICOS DA ALBIG (p. 9 a 14)

ENTREVISTA COM OSCAR SILVA NETO (p. 15 e 16)

ENTREVISTA COM AMANDA ARRUDA (p. 17 a 19)

PRESTAÇÃO DE CONTAS ALBIG 2022 (p. 20)

ACADÊMICOS DA ALBIG (p. 21)



ALGUMAS PALAVRAS

GRATIDÃO. Não é só a palavra do momento. É, sim, o sentimento impactante e verdadeiro, que denota um ato de generosidade e beleza. Devemos ser gratos por tantos momentos vividos, por confraternizarmos com nossos pares; por podermos usufruir situações prazerosas e felizes.

2022 trouxe, para a Academia de Letras de Biguaçu, circunstâncias de muito orgulho e satisfação:

O Nosso Sarau de Aniversário, sempre deixando marcas consideráveis. Nesse belíssimo evento, podemos nos confraternizar, homenagear nossos literatos acadêmicos e exaltar nossa querida cidade de Biguaçu.

O Lançamento da Antologia 2022, exaltando os 200 anos da Proclamação da República. Uma bonita obra, com excelentes textos dos Acadêmicos efetivos e dos Acadêmicos Mirins, bem como dos alunos que conquistaram o concurso Literário de Biguaçu. Já aproveitando para registrar o agradecimento a parceria com a Prefeitura de Biguaçu, na figura do senhor Prefeito Salmir da Silva e do Secretário Municipal de Cultura Prof. Dr. Oscar Silva Neto, que não mediram esforços para que a Antologia fosse publicada.

Vale também registrar e ressaltar os livros editados e as diversas premiações recebidas por nossos Acadêmicos da ALBIG, fortalecendo os vínculos com outras entidades culturais, políticas, históricas e sociais.

Também destacar a ampliação da Academia Mirim, onde podemos vislumbrar tanto o presente como o futuro da nossa entidade.

Enaltecer a posse dos novos Acadêmicos, que vieram acrescentar experiência, entusiasmo, inovação e excelência a ALBIG.

Claro, também tivemos situações tristes, irreparáveis e desoladoras, como a perda do nosso confrade Cesar Luiz Pasold e da nossa congreira e fundadora da ALBIG Dalvina de Jesus Siqueira. No entanto, apesar disso, devemos ser gratos por toda a obra que ambos nos deixaram. Devemos exaltar todo o legado de suas existências, imortalizado nas suas ações, nos seus discursos e nos seus escritos. Um abraço fraterno aos familiares desses dois ícones da nossa sociedade e da nossa literatura.

Para 2023, esperamos um ano com muitas atividades e realizações: Saraus e Encontros Literários; Oficinas de Literatura e Artes nas escolas; manutenção da nossa Revista e do site da Academia; Feiras de Livros; Troca-troca de livros em diversas empresas de Biguaçu (prateleiras de livros); publicação da Antologia 2023, ainda com o patrocínio da Prefeitura de Biguaçu; retorno e participação da maioria dos Acadêmicos, para podermos fortalecer ainda mais a nossa querida entidade.

Desejamos um Natal cheio de Luz, de Paz, de Amor e de Esperança. Que tenhamos um ano novo com muita saúde. Que Jesus possa abençoar nossos caminhos, iluminar nossas almas e florir os nossos corações.



Hélio Cabral Filho – Editor da Revista ALBIG/SC



Bandeira de Biguaçu



Fonte das imagens da Bandeira e Brasão: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bigua%C3%A7u>



Brasão de Armas

RETROSPECTIVA ALBIG 2022



Falecimento do Acadêmico Cesar Luiz Pasold - 24/04/2022



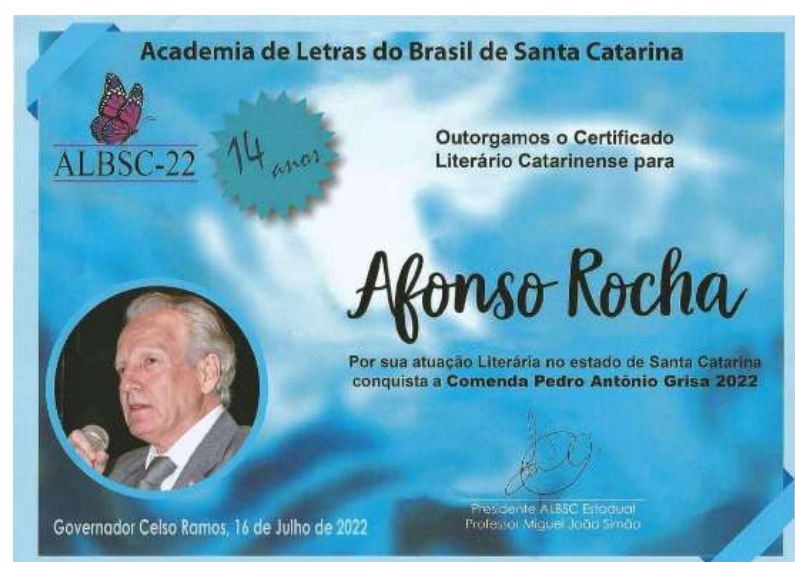
Sarau de Aniversário Biguaçu – 189 anos
Dia 16 de maio às 19h
no Casarão Born



Ana Lavratti vence o Prêmio Catarinense de Literatura na categoria Crônica de LUXO “Você Mulher Ainda Melhor”.
19 de maio de 2022.



30 de abril de 2022, no Plenário da Câmara de Vereadores, o escritor e jornalista William Wollinger Brenuvida, recebeu o Certificado de Destaque da Academia de Letras de Itapema, por ter suas produções literárias classificadas no Concurso Literário O Pensador VII.



O escritor Afonso Rocha homenageado (julho 2022) com o troféu "Homem Brillhante 2022" e a "Comenda Pedro Antônio Grisa"



Sessão Solene de Saudades ao Acadêmico Cesar Pasoud
Dia 29/08/2022
ALBIG - Casarão Born



02 de setembro falecimento da Acadêmica e fundadora da Academia de Letras de Biguaçu – Dalvina de Jesus Siquera



O presidente do Conselho Estadual de Entorpecentes, advogado Fernando Silveira, foi nomeado titular do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas, órgão do Ministério da Justiça e Segurança Pública. O ato foi assinado pelo ministro Anderson Torres.



Advogado Fernando Henrique da Silveira – Foto: Divulgação

Setembro – O Acadêmico Fernando Henrique da Silveira nomeado titular do Conselho Nacional de Políticas sobre drogas

Fatos e Fotos

Lançamento da Antologia 2022 Dia 21/11/2022 - ALBIG



Alunos vencedores do Concurso de Literatura de Biguaçu 2022



Auditório lotado para prestigiar o evento



Os Acadêmicos Fernando Henrique da Silveira, Osmarina Maria de Souza e José Braz da Silveira



Acadêmicas Neusita Luz de Azevedo Churkin, Osmarina Maria de Souza, Ana Cristina Lavratti e Janice Martés Volbato



Parte dos Acadêmicos ALBIG

Fatos e Fotos

Posse dos Novos Acadêmicos ALBIG - 21/11/2022



Oscar Silva Neto – Cadeira nº 4 - ALBIG



Amanda Arruda – Cadeira nº 31 - ALBIG



Acadêmica Amanda Arruda trazendo inclusão para a Academia de Letras de Biguaçu



Prefeito de Biguaçu Salmir da Silva prestigiando a posse do Acadêmico Oscar Silva Neto



Momento em que o Presidente da ALBIG Carlos Antônio Caldas entrega a medalha ao Acadêmico Oscar Silva Neto



Momento em que o Presidente da ALBIG Carlos Antônio Caldas entrega a medalha a Acadêmica Amanda Arruda

EM DESTAQUE



Acadêmico Fernando Henrique da Silveira recebendo das mãos do Acadêmico Hélio Cabral Filho o seu quadro para figurar no rol dos Presidentes da ALBIG



Acadêmico Afonso Rocha



Acadêmico José André Gesser



Acadêmico William Wollinger Brenuvida



Declamação da Acadêmica Neusita Luz de Azevedo Churkin



Acadêmica Osmarina Maria de Souza recebendo sua homenagem das mãos do Presidente da ALBIG Carlos de Souza Caldas

Osmarina Maria de Souza – 17/11/2022

*Que figura querida essa Osmarina;
Mulata tão faceira e tão dengosa.
Nos deixa enternecidos, nos fascina,
Quer sejam nos seus versos ou nas prosas.*

*É manezinha, sim, essa menina!
...E, nessa sua idade venturosa,
A história bem contada é cristalina,
Na versatilidade tão saudosa.*

*É grande poetisa; uma escritora,
Ativa, prestativa, fundadora,
De tantas entidades culturais.*

*Com sua simpatia tão serena,
A sua compleição é tão pequena,
Mas, suas atitudes, colossais.*

Hélio Cabral Filho



COLUNA NA GALLERIA

SESSÃO ESPECIAL ALBIG

A Academia de Letras de Biguaçu (ALBIG) promoveu, na segunda-feira (21), uma **Sessão Especial**. Na pauta da solenidade, realizada no salão de festas da Igreja Matriz do Município, estavam o lançamento da **Antologia 2022**, nomeada **"200 Anos da Independência do Brasil"** e a posse dos novos acadêmicos. Na ocasião, também foram celebrados os **26 anos da entidade**, bem como foram realizadas homenagens especiais, entre estas, homenagens póstumas à professora **Dalvina de Jesus Siqueira**, uma das três fundadoras e presidente de Honra da ALBIG, falecida, aos 93 anos, em 02 /09/22, e ao **Dr. Cesar Luiz Pasold**, advogado e professor, membro, da ALBIG e também membro fundador e ex-presidente da **Academia Catarinense de Letras Jurídicas**, falecido, aos 76 anos, em 24/04/22.

A concorrida noite contou ainda com declamações e foi encerrada com um coquetel.

FERNANDO MENDES, DIVULGAÇÃO/NG



Foto oficial da solenidade



Esmeralda Siqueira e José Lincks Siqueira, filhos de Dalvina Jesus Siqueira



Rosangela Aciole Pasold, o desembargador do TRT/12, Cesar Luiz Pasold Jr. e Maria Luiza Pasold (a esposa, o filho e a neta de Cesar Luiz Pasold), emoldurados por William Wollinger Brenuvida (esq.) e o diretor jurídico da ALBIG, José Braz da Silveira, que assinou o cerimonial da noite



O presidente da ALBIG, Carlos Antônio de Souza Caldas (esq.), com os acadêmicos empossados Amanda Arruda e Oscar Silva Neto



O vereador Vanderlei Luiz Antunes (Vandy) à esq. e o prefeito Salmir da Silva, ambos de Biguaçu, e o Advogado Jorge Paixão (representando a OAB/SC), estavam entre as autoridades que compuseram a mesa de honra



A primeira-dama da ALBIG, Roseli Judith da Silva, que pilotou o delicioso coquetel, recepcionando o presidente da Academia de Letras Palhoça, Ney Santos (esq.) e o advogado Ariel Adam Ortiz



Fernando Henrique da Silveira (esq.), ex-presidente da ALBIG, recebeu o quadro - que irá figurar na galeria dos ex-presidentes da entidade - pelas mãos do tesoureiro Hélio Cabral Filho



Osmarina Maria de Souza (2ª esq.), uma das fundadoras da ALBIG, com Neusita Luz de Azevedo Churkin (esq.), Ana Lavratti e Janice Marês Volpato (dir.)



Paróquia São João Evangelista Biguaçu

Av. Rio Branco, 54 - Centro, Biguaçu
 Expediente: Terça a Sexta – 08h às 12h /13h30 às 17h30 - Sábado – 8h às 12h
secretaria@psje.org.br - financeiro@psje.org.br - administrativo@psje.org.br - (48) 3243-3130 - <https://psje.org.br/>

EM DESTAQUE

Moção de Aplausos para a Antologia ALBIG 2022 Câmara de Vereadores de Biguaçu 29/11/2022





Vida acadêmica

Saudações a todos os presentes, mas permitam que me dirija em particular aos novos acadêmicos. Hoje, a festa é deles.

Entrar para uma academia, seja ela qual for, mas com maior razão para uma Academia de Letras que tem como missão fundamental, criar e difundir literatura na língua oficial do país é um ato de prestígio, mas também de bravura e coragem.

Vocês agora são parte do nosso todo, que é a Albig.

Mas deixem-me partilhar com vós as seguintes reflexões:

Não basta assinar o termo de posse, usar a beca ou fardão e intitular-se acadêmico e, por arrasto, içar, por tudo quanto é lugar, a bandeira da imortalidade. A missão do acadêmico começa no ato da posse, mas não fica por aí. Esse é só o começo. Depois vêm as obrigações estatutárias, não só com o cumprimento de seus deveres para com a instituição, nomeadamente a frequência assídua nas reuniões e nos eventos públicos, no pagamento de seus compromissos financeiros e na produção literária, como também na solidariedade para com os seus pares e a comunidade dos escritores, em geral.

Perdão pela minha frontalidade, mas as obrigações para com os marcos próprios dos que promovem a cultura através da palavra e da escrita, só se somam a tantas outras, como cidadãos livres engajados nas nobres causas da igualdade, da democracia, da liberdade, dos direitos cívicos e do respeito perante as diferenças de cada um na sociedade.

Outra questão que parece ainda mal compreendida é a questão da imortalidade do escritor. O acadêmico só será imortal se deixar obra feita que mereça esse reconhecimento público e não pelo mero ato de entrar para uma Academia. Por isso digo, e quero consciencializar os nobres confrades, vossa (nossa) responsabilidade acresce com a posse, até porque, vocês passam a integrar uma instituição, um coletivo de pares, cuja solidariedade, defesa e respeito, têm que ser, teimosamente, defendidas e alavancadas. Academia não é uma pessoa, mas sim um coletivo e, quando algum dos seus membros é desrespeitado, se se comporta correta ou incorretamente, somos todos nós que sofremos ou beneficiamos com essas ocorrências.

No momento em que tomam posse, meus caros confrades, permito-me recordar e apontar como exemplos a nossa querida e imortal companheira Dalvina de Jesus Siqueira, fundadora da nossa instituição e o nosso querido confrade e também imortal, Joaquim Gonçalves, que sempre atuaram com apurmo e elevado exemplo.

Dalvina sempre dizia: somos um grupo de amigos, de familiares, podemos até nos dedicar às mais nobres e dignas causas noutras áreas de atuação na sociedade, mas não podemos esquecer, que acima de tudo, somos uma academia de escritores que mexem com a educação, as artes, a formação e a consciência das pessoas. Por isso eu digo, é grande, a nossa responsabilidade.

Desejo-vos um bom acolhimento, sucesso e um bem haja a todos.

Viva a nossa Albig.

Afonso Rocha.

(Intervenção na tomada de posse de novos acadêmicos)

Oscar Silva Neto - Cadeira nº 4



Um sonho intenso, um raio vívido ...

Que expressão tão linda e tão profunda é esta que trago no título, que desperta no brasileiro um sentimento de intimidade com algo tão comum, mas, por vezes, incompreendido?

De Joaquim Osório Duque Estrada roubei a primeira linha da quarta estrofe daquilo que seria reconhecido, pelo Decreto nº 15.671, de 6 de setembro de 1922, o Hino Nacional Brasileiro.

Quanta coincidência, poder-se-ia dizer: 200 anos da Independência; 100 anos da letra de seu símbolo nacional. Brasil: um sonho intenso e um raio vívido. Mas de qual sonho tão intenso estaria me referindo? A que estaria atribuindo a expressão raio vívido?

Sonho de ver um Brasil prosperar e, com ele, seu povo e sua gente e, por assim dizer, meu próprio eu. Sonho de realizar meus sonhos, tão prósperos e palpáveis, tão fáceis e tão dóceis. Que se concretizam no dia-a-dia e na busca incessante de querer fazer, mais e melhor, pelos meus. De estudar, de trabalhar, de escrever – tal qual o faço agora – e, por assim dizer, de fazer parte de uma organização de escritores, de um clube de autores, da Academia de Letras.

Ah, este sim era um sonho intenso, que ora se faz verdade. Na humildade de dar continuidade aos sábios escritos do indefectível César Luiz Pasold e à honrosa e cobiçada Cadeira de nº 4, cujo saudoso patrono Altino Corsino da Silva Flores empresta seu nome e a faz pulsar tão felizmente, é que debuto e rogo aos céus a permissão de, tal como eles, fazer história nas páginas escritas.

Seja por conter intensidade ou por se assemelhar ao cintilante, ao fulgurante, ao luminoso, ao brilhante ou ao nítido, o raio vívido é de amor e esperança, bem como a letra originária propôs.

Tão longínquo e, ao mesmo tempo, tão atual. É o desejo forte de que as indiferenças padeçam e que consigamos mostrar as facetas poéticas que habitam o nosso interior. É o sentir-se abnegado e agir em prol de outrem. É de deixar resplandecer aquilo que move uma nação.

Seja o Hino Nacional, reconhecido em 1922; ou a Revolução de 1932; ou a Reforma do Ensino Industrial e criação do SENAI, em 1942; ou a Fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952; ou o Bicampeonato Mundial no Chile, em 1962; ou a chegada da TV a cores no Brasil, em 1972; ou a morte da cantora Elis Regina, em 1982; ou o *Impeachment* de Fernando Collor de Melo, em 1992; ou a realização da VII Conferência Nacional de Direitos Humanos, em 2002; ou a instalação da Comissão Nacional da Verdade, em 2012; não importa qual a efeméride: aniversariar um fato histórico significa mais do que rememorar aquele episódio em si, isto é, deixa marcada a relação entre presente e passado e as consequências desta conexão biunívoca para os seres que aqui habitam. Um compromisso verossímil!

Que nos próximos 200 anos de independência o Brasil volte a ser o sonho intenso de alguém e que brade para ser o raio vívido, não só de amor e de esperança, mas que seja, de fato, “Paz no futuro e glória no passado”.

Um sonho, um raio, uma mãe gentil um amor pelo Brasil!

Ângela Regina H. Amin Helou

CADEIRA Nº 12



BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Falar do bicentenário da independência do Brasil é falar da construção da identidade de nossa Nação, de lições importantes e do quanto ainda temos a construir.

Muita coisa aconteceu nesses dois séculos da história brasileira, precisamos conhecer o passado, para entender o presente e planejar o futuro.

Com a independência desvinculamos nossos laços coloniais com Portugal e iniciamos um novo período cultural, sociológico e histórico no país.

Mesmo não gerando transformações políticas imediatas profundas, pois D. Pedro já governava o país, os alicerces do Brasil começaram a ser definidos. A soberania do país começou a ser traçada, estabelecendo suas normas políticas e sua administração pública. Dois anos depois, o Brasil já tinha sua primeira constituição e, desde então, sete Constituições Federais entraram em vigor.

Muitos foram os personagens da independência, mas, ao contrário do que se pensa, a independência não foi construída somente pela elite, a participação do povo foi muito importante, mesmo com falta de uma conscientização política na época. Sabemos que os debates da constituinte foram acompanhados por populares, que pediam direitos civis e apresentavam sugestões aos deputados.

Podemos sentir hoje que a vontade popular cresce cada vez mais, sendo muito importante em nosso país. Em nosso Congresso o povo atua ativamente e as leis lá elaboradas são reflexo da necessidade e da participação popular.

Uma grande mudança ainda necessária é na área da educação, hoje nossas escolas nos ensinam de maneira muito semelhante como antigamente, é importante uma política nacional de educação digital para capacitarmos nossos jovens e também os professores para essa nova era, assim vamos garantir a competitividade, a inclusão digital e alcance a todas as camadas da população.

As mulheres também tiveram participação importante na história, apesar de não darem a mesma importância às mulheres, podemos destacar Maria Leopoldina como peça chave para nossa independência, como outras tantas, anônimas que participaram e até hoje participam da construção diária do nosso Brasil. Nós mulheres somos força, inteligência e trabalho.

Comparando o Brasil na época da Independência em 1822 com o Brasil atual vemos que o país mudou muito, antes tínhamos uma economia pequena, baseada na agricultura sob um regime escravista, hoje estamos entre as quinze maiores economias do mundo, mesmo ainda tendo uma grande participação do setor agrícola, nossa economia tem expressiva força da indústria, mas uma coisa não mudou a enorme força de vontade do povo brasileiro, sempre trabalhador.

Assim, os duzentos anos da independência do Brasil deixa à nossa nação ensinamentos, sendo o principal deles a de que o brasileiro deve participar ativamente das decisões públicas e entender o nosso processo político. Dessa forma, o país crescerá, possibilitando a total independência.

TEXTOS DOS ACADÊMICOS DA ALBIG

Quem venham comigo

Amanda Arruda

Que venham as mulheres e meninas,
Trazendo sua grande alma pequenina,
A força disfarçada de delicadeza,
A coragem que esconde a singeleza.
E que cada homem valorize de fato
Todas as mulheres que tiver na vida,
Sem elas, o mundo se torna ermo,
Existência sem graça, tão dolorida!

Quero que venham comigo os jovens,
E os que têm a humildade por raiz,
Levando consigo sua vitalidade,
A força de vontade de mudar um país,
Uma vida, uma cidade, não tem idade
Basta lutar, e só ter vontade de sonhar,
Quem vai impedir a juventude de transformar?

Quero que venham comigo os surdos,
Que fazem sua arte nas mãos e no rosto,
Que em mim quiserem ver sua vida, seu gosto,
E quiserem tornar o mundo menos absurdo.
Surdos, que nos mostram a beleza nos sinais,
Sua sabedoria e sua cultura como porto,
Sua vivência e sua garra como cais.

Quero que venha comigo Jesus,
Que veio ao mundo e nos salvou com sua cruz,
E que me dá bênçãos por onde eu andar,
Meu Deus, peço ajuda, para eu bem trabalhar.
Que por onde eu for, sempre ganhe um amigo,
E em tudo o que eu fizer, leve toda essa gente comigo.

EPITÁFIO DO CISNE NEGRO

William Wollinger Brenuvida (Ganxeiro)

Há recomeços num trabalho poético,
do ineditismo à ilusão passageira.
O aprendizado não atinge da obra o término,
da uva fina à bagaceira, a jornada prazenteira.

Entre os beletistas está Cruz e Sousa,
debruçado no Miramar em seu voo solitário.
O simbolismo do Cisne Negro, no poeta ousa
sonhar no idioma luso-brasileiro distinto relicário.

Para além do Valongo não basta divisar o oceano-
educandário,
que nos afasta da Mãe África e se dilui na leitura vaga,
[de Missal e Broquéis]. Onde estará Cruz e Sousa?

No canto do cisne e no fragmento de um epitáfio,
sombra ardil dos velhos instrumentos linguísticos,
algozes dos pretos e índios: no princípio, agora e sempre.

Mesmo no duro tormento,
Ganhando marcas, sequelas,
Não posso mudar o vento,
Mas, posso ajustar as velas.

Hélio Cabral Filho

Delegado UBT – Biguaçu

(União Brasileira dos Trovadores)

Ideias por mim introduzidas

José André Gesser

Amei, sei que sou assim, por isso continuo a o ser.
Desisti em desistir, isso me tornou mais forte do que era.
Parei, pensei, descobri algo inédito dentro de mim.
Caminhei, pois descobri uma trajetória a ser percorrida.
Me alinhei ao que sou, por isso estou aqui.
Nem sempre foi como quis, mas mesmo assim, sou feliz.
Quase me perdi na incapacidade de me amar, porém
rejeitei essa tese, por isso vivo.

Transformei o impossível, me tornei um ser melhor que
ontem, assim sou eu.

Perdoei a quem me magoou, solucionei a crise iniciada em
mim pela incapacidade de perdoar.

Meus inimigos são meus seguidores – por minha
estabilidade em ser como sou.

Amigos e amigas sempre foram e serão um pedacinho do
céu, isso me fez deles gostar tanto assim.

Se eu sobreviver amanhã ainda continuarei a ser quem
sou, mas criando em mim capacidades que me tornam um ser
empreendedor.

Corro contra o tempo para ser diferentemente adaptado a
esse momento.

Sigo em todas as teses minha biografia, nela encontro meu
ser refletido em todas as direções programadas.

Ser assim é repleto, completamente compreensível.

Que a mudança não seja o pior, mas o melhor que ontem.

Penso assim....

DA RESISTÊNCIA AFRICANA – RELATOS BREVES

William Wollinger Brenuvida (Ganxeiro)

Na parede do meu quarto, ao lado da escrivaninha, junto aos livros, há um quadrinho datado de 2010, que retrata um grupo de pessoas, no Pelourinho, jogando a capoeira e tocando o berimbau e o tambor, também há neste quadro uma típica baiana, com sua saia longa bordada e rodada. No centro da tela, a belíssima e imponente igreja azul, consagrada a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Adquiri a tela em fevereiro de 2011, numa galeria de artes no Terreiro de Jesus, porque ela trazia a Igreja do Rosário, e lembro da frustração em não ter adentrado à Igreja do Rosário por ela estar fechada para obras de restauro.

Quando retornei à Salvador, em dezembro de 2018, tive a grata satisfação de presenciar, com amigos de Santa Catarina, ali perto, uma roda de samba em que as baianas tocavam os pratos como instrumento de percussão. Minha visita a Salvador em 2018, rendeu um gostoso acarajé, pertinho da estátua em homenagem a Zumbi dos Palmares, na companhia da querida amiga Libania, professora de História, que sempre me socorre na paleografia mais complicada dos documentos históricos dos séculos XVIII e XIX.

Esta visita também me permitiu um banho de cheiro na ladeira do Pelourinho, e a visita a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos onde os santos são pretos, tem feições africanas e são cultuados em altares com toda relevância e carinho. Como os escravizados não tinham o direito de frequentar igrejas e escolas, muitos constituíram igrejas e irmandades para que os encontros, os falares, as narrativas não se perdessem.

Salvador, a cidade dos descendentes de africanos, onde a negritude é símbolo de encantamento, resistência e arte estará para sempre em meu coração. Fiz muitas amizades em Salvador e as mantenho, como é o caso da professora Libania Silva, e do jornalista e escritor Roberto Leal, incentivador da Literatura no Brasil e nos países africanos.

*

Há uma história diversa em Santa Catarina mencionando que não somos homogeneamente brancos, ricos e europeus. Por aqui também há a fome, desemprego, violência, e a ausência do Estado na inclusão de indígenas e descendentes de africanos - que ajudaram a construir nossa história.

Se o catarinense compreender como os padres, por exemplo, no período colonial e imperial registravam o batismo, casamento e óbito dos escravizados¹, essa mentalidade tacanha de primeiro mundo europeu deixasse de existir e em seu lugar surgisse um protagonismo histórico. Somos descendentes de agricultores pobres que fugiram da fome na Europa no século XIX, e também carregamos o martírio dos povos originários (indígenas) e dos navios negreiros que singraram-sangrando o Atlântico.

¹ “Aos 19.01.1858, na Matriz de São Sebastião das Tijucas, batizei e pus os santos óleos ao inocente Joaquim nascido a quinze de novembro último (1857), filho natural de Roza escrava do alemão Pedro Steil. Foram padrinhos Emigídio Jorge Gonzaga e Alminda Steil. E para constar fiz este assento, que assinei. O vigário Padre José Gnecco.”. **Conforme transcrição. Livro de Batismos de 1858.**

Aos 20.01.1808, em São Miguel da Terra Firme, Maria Conga Cambinda, filha de Joze Cambinda e Roza Conga, foi batizada. **Conforme transcrição. Livro de Batismos de 1798 a 1838.**

FESTA NATALINA 2022

Carlos Caldas, Colunista

No período da festa natalina, existe o artesanato, o leitor, deve se perguntar de onde vem todas as coisas que vão e quando nos desfazemos delas? Tudo o que consumimos possui ciclo de vida – da produção descarte - que causa inúmeros impactos no meio ambiente e que muitas vezes não estão visíveis aos nossos olhos.

Nesse contexto, de forma voluntária, tem-se trabalhado para construir a base para uma nova civilização, onde a humanidade prospere junto e com harmonia com a natureza. Para isso, ela aponta um modo de viver com medidas práticas, que tem como pilares as atividades que enfatizam com a natureza e proteção.

Posso expressar que da forma que construímos os artesanatos é muito prático, barato e rápido que temos ao nosso redor.

Na festa de natal, queremos comprar de tudo? Será que vai nos servir nas nossas escolhas diárias, ou sempre antes de comprar algo novo e caro, podemos refletir melhor. Então, posso lhe fazer uma pergunta querido leitor:

- O que você está comprando natal, é necessário?

- É possível agradar quem recebe?

- Será que consigo aproveitar o que já tenho e não uso?

- Então, será que não consigo fazer um natal, eu mesmo fazer com artesanato o de uma forma franciscana, aproveitando o que eu tenho.

Um novo presente de que você esteja precisando de fato, pode ser feito com itens de materiais que iriam para lixo. Quando fazemos algo com as próprias mãos, priorizamos da experiência, no lugar da eficiência.

Muitas vezes pensamos que não temos talentos para fazer objetos artesanais, , mas no dia a dia nós aprendemos vivenciando os outros a fazer, e apreendemos que temos capacidade dentro de nós e que somente através do amor. Que tal nesse natal, se desafiar e tentar criar algo de novo com suas próprias mãos. E a vida segue.....



Oscar Silva Neto – Cadeira nº 4



Informações pessoais e profissionais:

Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina UFSC (2021) com estágio realizado na modalidade sanduíche na qualidade de *Boursier D'excellence na Faculté de psychologie et sciences de l'éducation* da *Université de Genève* (UNIGE), em Genebra, Suíça. Possui graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Federal de Santa Catarina UFSC (2006), especialização em Gestão Educacional e Metodologia do Ensino Interdisciplinar pela Faculdade Dom Bosco de Ubiratã (2007), mestrado em Ensino de Matemática, pelo Programa da Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS (2015). É Membro do GEPEM-IFSC - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Matemática (IFSC), do GHEMAT/SC - Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática - Santa Catarina e do GHEMAT-BRASIL - Grupo Associado de Estudos e Pesquisas sobre História da Educação Matemática. É Professor do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina IFSC - Câmpus Florianópolis. Atualmente, exerce o cargo de Secretário Municipal de Educação do Município de Biguaçu (SC).

Revista ALBIG: **Como é a sua história com o município de Biguaçu e com a Academia de Letras?**

OSCAR: Meu envolvimento com a história de Biguaçu me remete aos dias da mais tenra infância. No entanto, momentos marcantes precisam ser lembrados. A paixão pela cultura e história de Biguaçu tem a total ligação com a participação, desde 1996, no Grupo Folclórico Danças e Cantares Açorianos de Biguaçu e do Grupo Arcos – Pró-Resgate da Memória Histórica, Artística e Cultural de Biguaçu. Foram anos dedicados à difusão da cultura açoriana e biguaçuense por cidades brasileiras e por países ao redor do mundo. Tive o privilégio de conhecer, inclusive, as Ilhas De São Miguel, Terceira, Pico e Faial no Arquipélago dos Açores, bem como lugares de Portugal Continental. Na área da cultura, também fiz parte do Grupo Teatral Jovens Unidos de Biguaçu e de Companhias teatrais renomadas de Florianópolis. Além disso, sou Gincaneiro de coração e fui um dos fundadores da Liga dos Gincaneiros de Biguaçu, sendo seu primeiro Presidente. A Academia de Letras era um lugar almejado, mas nunca antes oportunizado. Sempre tive aquelas pessoas como produtores de literatura e que queriam enaltecer as questões relacionadas à nossa cidade. É um privilégio, para mim, compor este time de escritores.

Revista ALBIG: **Como você vê a arte e a literatura de Biguaçu atualmente e o que vislumbra para o futuro? Ou seja, o que pode ser feito para fomentar a arte e a cultura biguaçuense?**

OSCAR: A literatura de Biguaçu é, ainda, tímida e socialmente desvalorizada e pouco reconhecida. No entanto, a capacidade dos escritores locais é demasiadamente grande. O que se necessita é de fomento para publicações e difusão dessas obras. Como Secretário de Educação, desde 2021, tenho publicado editais que buscam a escrita e as publicações de textos, em seus mais variados gêneros, principalmente dos alunos das escolas públicas e particulares.

É preciso colocar em prática políticas públicas que valorizem o desenvolvimento de textos genuinamente biguaçuenses.

Revista ALBIG: Qual a sua visão de uma Academia de Letras e qual seria o seu papel dentro dela?

OSCAR: A meu ver, uma Academia de Letras é um espaço de produção de conhecimento, de saberes, de informações, de literatura, de arte, de educação e de cultura. É um lugar em que escritores se reúnem para dar visibilidade a estas causas. É uma associação que busca seu espaço numa sociedade, para marcar o papel da produção textual e da difusão de escritos que demonstrem os sentimentos dos autores, o espírito crítico, o exercício da cidadania e a veneração pela cidade. Meu papel é produzir, junto aos demais, contribuições que enaltecem os aspectos educacionais e culturais de Biguaçu. É difundir arte e literatura, levando-as para os quatro cantos da cidade, fomentando crianças e jovens a escreverem mais e mais.

Revista ALBIG: Como um matemático, ou alguém voltado para as ciências exatas, lida com as questões humanas?

OSCAR: Da mesma forma que as outras pessoas. O gosto pela Matemática converge no magistério e no ensino de álgebra, trigonometria, aritmética e geometria, mas não exclui o gosto pelas ciências humanas. Aliás, como Doutor em Educação, posso afirmar que se trata de uma simbiose perfeita. A literatura não pertence somente aos letrados e gramáticos: o ser humano, que deseja expressar seus sentimentos em forma de poesia ou escrever a respeito de determinado tema também produz literatura. Escrever, por exemplo, a respeito da trajetória histórica do ensino de Matemática nas escolas biguaçuenses, faz parte de um excelente arcabouço literário a respeito do tema.

Não se trata de separar áreas do conhecimento, mas sim, de aglutiná-las. Uma pessoa pode calcular bem, mas escrever também. É assim que me defino e me constituo.

Perguntas rápidas:

Um momento inspirador: A conquista do Doutorado Sanduíche, com a oportunidade de morar e estudar na Suíça. Foi um momento que, para mim, demonstra que indivíduos de famílias simples e oriundos de escolas públicas podem ganhar o mundo.

Uma realização: A paternidade. Ser pai duas vezes, em momentos distintos da vida, de dois seres humanos tão amados e especiais, mas tão diferentes entre si, faz de mim um homem completo e realizado.

Um sonho: Ainda sonho em concluir o Curso de Direito e de também realizar o estágio pós-doutoral, de preferência, retornando às universidades europeias. Sonho, também, quem sabe, em ser Prefeito de Biguaçu e erradicar o analfabetismo e fomentar, cada vez mais, práticas de arte, educação e cultura.

Para finalizar: Sinto-me tão feliz e honrado em compor a Academia de Letras de Biguaçu. É um orgulho saber que, um filho da terra, tão honesto e batalhador, conquista seu espaço a cada dia. Espero por retribuir, aos acadêmicos e a meus conterrâneos, todo o carinho e a admiração que tenho recebido. Que a educação e a cultura tenham vida longa em Biguaçu! E eu quero poder contribuir muito para que isto aconteça.

ENTREVISTA – AMANDA ARRUDA

Amanda Arruda – Cadeira 31



Informações pessoais e profissionais (incluir pequena biografia):

Amanda Arruda tem 21 anos e é escritora desde 2014, quando tinha somente treze anos e escreveu seu primeiro livro. Aos quatorze anos, começou a escrever poesia e hoje já possui mais de 250 poemas escritos. Também escreve contos e ensaios. Aprendeu a ler aos três anos de idade, sendo alfabetizada pela mãe. Possui três livros publicados: *A Heroína que Virou Lenda* (2017), *As Chantagens de Monalisa* (2020) e *O Badalar do Sino* (2021). Já recebeu quatro prêmios referentes a Antologia Poética: venceu o Prêmio IFSC de Literatura em 2016 com o poema *Metapoesia*, e no mesmo ano recebeu o prêmio *Semeando Versos da Academia Brasileira de Poesia* com o mesmo poema. Também foi premiada em 2017 no Prêmio *Poetize da Vivara Editora Nacional*, em 4º lugar, com o poema *A Vinda de Castália*. Recebeu também em 2019 o prêmio *Outono*. Em 2021, teve uma poesia publicada em Portugal em homenagem ao poeta Fernando Namora. E em 2022, teve seu conto “*Mainha: uma história em Canudos*” publicado na Antologia *Bravos Corações* em Portugal. Estuda Direito na Universidade Federal de Santa Catarina desde 2018 e neste ano teve seu trabalho de conclusão de curso publicado e aprovado com nota máxima, abordando o tema da “*espetacularização da execução penal violenta nas periferias brasileiras sob a ótica de Victor Hugo*” embasando-se nas obras “*Os Miseráveis*”, “*O Corcunda de Notre Dame*” e “*O último Dia de um Condenado*”.

Revista ALBIG: Como surgiu a literatura em sua vida? E qual o seu envolvimento com ela?

AMANDA: Quando eu era um bebê, a minha mãe era dona de casa e durante o dia ela lia histórias para mim. Desde *Chapeuzinho Vermelho* e *Branca de Neve* até poesia do Vinícius de Moraes. O Poema *Enjoadinho* do Vinicius de Moraes foi uma poesia que me marcou bastante, porque ela declamava brincando comigo como se a poesia falasse de mim. “*Filhos, filhos, melhor não tê-los, mas se não os temos como sabê-lo?*”, essa poesia, sabe? E então ela lia as histórias e poesias para mim e eu, pequenina, com dois anos, decorava o que ela lia, pegava o livro e fingia que estava lendo. Minha mãe me contou que eu sabia a hora da vírgula, a hora de virar a página. Minha mãe me dizia que as pessoas que olhavam de fora e não estavam cientes de que eu não sabia ler achavam que eu estava lendo de verdade.

Nisso, a minha mãe viu que eu tinha gosto, aptidão e interesse e começou a me ensinar a ler e escrever em casa mesmo. Depois, veio a época das histórias em quadrinhos da turma da Mônica que foram meu vício literário por muito tempo. E depois, lá pelos seis ou sete anos, meu padrinho começou a me presentear com livros também, e toda data comemorativa eu ganhava um livro diferente e eram os presentes que eu mais gostava. Os livros, desde criança, foram meus melhores amigos. Eu sempre fui uma criança solitária, cresci num lar sem irmãos, não tinha com quem brincar, então acabava sempre junto dos livros porque era uma coisa gostosa que eu tinha prazer e eu podia fazer sozinha. Uma vez, meu padrinho me deu de presente um livro infantil da Clarice Lispector e eu li aquele livro e decidi que queria ser escritora. Fazia um tempo que eu brincava de criar historinhas, nada com muita qualidade, mas era algo que eu me divertia fazendo. E quando eu decidi que queria ser escritora, eu comecei a tentar escrever um livro. Tentei quatro vezes, até que com treze anos eu consegui escrever. E quando eu consegui terminar o meu primeiro livro, eu não parei mais, porque eu vi com meus próprios olhos que eu conseguia escrever, e eu sentia que era boa nisso. Era o que eu gostava de verdade, a literatura sempre foi o lugar onde eu sempre pude ser eu mesma, sempre pude ser livre e me expressar da maneira que eu gostasse mais. E no fim das contas, a literatura é a maior razão do meu viver. É uma dependência existencial. Eu sinto que preciso ler, preciso escrever, preciso ser livre e me expressar. Não que eu não possa fazer isso em outras áreas da vida, mas na literatura eu usufruo de uma liberdade muito mais plena e isso aqui só quem é escritor vai entender com exatidão o que eu quero dizer. No fim das contas, eu sempre amei muito a literatura, e eu sei o quanto os livros salvam vidas. Por isso, eu sempre busco realizar um trabalho no sentido de instigar jovens a ler para que eles se sintam incentivados, e possam ampliar suas perspectivas de vida. Eu sinceramente nem sei quem eu seria sem os livros! Então quando eu organizei duas *Mostras Culturais* na UFSC, quando eu fiz a *Ação Literária de Natal* no SEDEP do Monte Cristo, quando eu organizei o projeto da *Mobilização Artística Lus Poiesis* no curso de Direito da UFSC, e até mesmo quando fiz trabalho voluntário de incentivo à leitura no Acolhimento NURREVI localizado na praça de Biguaçu, tudo o que fiz por meio da literatura teve um viés social, no sentido de que a literatura salva vidas e para salvar vidas, ela precisa chegar até as pessoas. No Brasil, há muita gente vulnerável que não tem meios de acessar um livro, que não tem incentivo em casa, que não possui recursos suficientes, que não teve uma educação escolar de qualidade. Por isso, a gente precisa ampliar as oportunidades, para os mais jovens e para os mais vulneráveis conseguirem ter a sua vida alcançada pela literatura.

Revista ALBIG: O que você acha da cultura e da literatura atuais? Tem alguma preferência? Alguma vertente literária que mais simpatiza?

Eu admiro muito a literatura contemporânea e principalmente o legado positivo de inserir os jovens no mundo da leitura. Os livros contemporâneos são os responsáveis por fazer o jovem gostar de ler. É uma literatura simples, fluida, prazerosa, que ao mesmo tempo passa uma mensagem legal para quem quiser enxergá-la. Quando eu tinha doze ou treze anos, eu amava os livros do Rick Riordan, do John Green, essa literatura bem juvenil.

Hoje, eu sou mais adepta aos clássicos: Clarice Lispector, Ariano Suassuna, Machado de Assis, Dostoiévski, Victor Hugo, Tolstói... Mas o fato de eu gostar de clássicos, e atualmente ter uma preferência maior por eles, não me faz desprezar os contemporâneos, até porque eu sou uma autora contemporânea: eu admiro muito o legado da JK Rowling que fez milhões de jovens ao redor do mundo gostarem de ler por causa do Harry Potter, eu acho nobre um professor de história como Rick Riordan ter se tornado um autor best-seller só porque um dia ele quis salvar a vida do filho disléxico com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade por meio dos livros. Sobre vertentes literárias, eu amo romances, amo os autores clássicos, principalmente os realistas, os parnasianos e os modernos da primeira, segunda e terceira geração. A Clarice [Lispector] é a autora que eu mais me identifico. Eu aprecio a maneira como ela pensa, a forma poética como ela escreve. Porém, ao mesmo tempo, eu amo a crítica social sensível e sábia do Victor Hugo, eu sou apaixonada pelo humor inteligente e pela genialidade da literatura nordestina, especialmente a dramaturgia de Ariano Suassuna. Eu amo a profundidade e a densidade de Dostoiévski, a sensibilidade de Tolstói, o jeitinho delicado de ver poesia em tudo da Virginia Woolf, assim como amo a sagacidade de Jane Austen e Machado de Assis. Eu gosto de tudo isso, e ainda sei apreciar a simplicidade e a doçura dos contemporâneos, e toda essa herança bonita que a literatura atual também traz.

Revista ALBIG: Na sua opinião, o que precisa ser feito para fomentar a arte, a cultura e a literatura em Biguaçu? Qual seria o seu papel nisso na academia de Letras de Biguaçu?

AMANDA: A gente precisa diversificar e inovar nossos estilos e fazer com que outras vertentes literárias ganhem visibilidade. Não se prender à historiografia, por mais que ela tenha o seu papel e seja relevante, não se deve permanecer somente nesse estilo e nessa temática. Acredito que o Poder Público deve incentivar financeiramente outros ramos literários além da historiografia que já recebe um bom apoio e uma boa visibilidade.

Precisamos valorizar a literatura juvenil, a poesia, o romance e dar visibilidade a esses estilos. Eu quero trabalhar muito esse diálogo com o Poder Público para que os artistas do município sejam apoiados, notados, vistos, colocados dentro do orçamento público, não só em estilos específicos, mas de uma maneira mais variada para que todos possam produzir uma literatura inovadora, produzir o que der vontade, produzir literatura de maneira espontânea. Creio que, primeiramente, a criação de leis de incentivo à cultura que forneçam apoio financeiro integral ou parcial para publicações literárias aos artistas municipais se faz muito necessária. Além disso, fomentar a acolhida à diversidade de estilos literários dentro da Academia, acolher gêneros como terror, fantasia, romance, dramaturgia, e diversificar ao máximo o estilo literário também é algo legal. Quem sabe a gente pode fazer oficinas de escrita criativa e estudar uma diversidade de gêneros para ampliar cada vez mais os nossos horizontes. A Academia é uma instituição maravilhosa, e quanto mais a gente fomentar a produção diversificada e representativa, mais produtivo vai ser, e mais enriquecedor também. Por fim, creio que a arte deve dar espaço aos mais vulneráveis: as pessoas mais pobres, o adolescente da escola pública, o jovem vulnerável, o povo preto, as mulheres, as pessoas com deficiência. A literatura e os espaços artísticos precisam acolher todo mundo. E por isso, a gente pode fomentar a inclusão, pode aperfeiçoar as ferramentas que nós temos e até utilizar de novos métodos para incluir. E o primeiro de todos é trazer a juventude para dentro da literatura e para dentro da Academia de Letras, e criar ações afirmativas que abram espaço para facilitar a participação de todas as pessoas mais vulneráveis na arte e na Academia de Letras. Veja bem, várias pessoas pobres gostam de ler, sentem vontade de escrever, mas ou estão ocupadas demais garantindo o sustento da família (isso a gente não pode evitar, mas podemos criar oficinas de escrita criativa abertas para a população em horários acessíveis) e, além disso, também não conseguem arcar com o custeio caríssimo de uma publicação literária. Também existe a questão das pessoas com deficiência! Elas querem participar e ocupar os espaços, mas os espaços não estão preparados para recebê-las. Eu quero muito, muito mesmo, trabalhar para ajudar a tornar essa Academia de Letras uma Academia Bilíngue, que vai ser a primeira Academia Bilíngue de Letras do Brasil e que vai produzir arte em Português e Libras, com a nossa comunidade surda ocupando espaço e produzindo uma arte linda que vai ter chance de ser vista pelas pessoas, de ser valorizada pela população. A Língua de Sinais, a arte surda, a poesia dos surdos nos mostram tanta expressividade, na medida em que se usa o corpo, as mãos, o rosto. Isso precisa ser mostrado.



Revista ALBIG: Como você vê a questão da inclusão social na cultura Brasileira?

AMANDA: Falando com sinceridade, eu acho que a inclusão social é precária, escassa e abstrata. Estamos avançando, conquistando direitos estabelecidos por lei, conseguindo um pouco mais de visibilidade para as lutas da pessoa com deficiência, mas a lei precisa sair do papel escrito e se tornar concreta na realidade. O Brasil é cheio de lei que “não pega”, cheia de lei “para inglês ver”. Existe ainda muito preconceito para ser mitigado, existe ainda um imaginário social muito capacitista que a gente precisa urgentemente abandonar. Pessoas com deficiência não são menos capazes, menos independentes, menos livres. Pessoas com deficiência precisam que suas demandas sejam atendidas, e que sua condição seja respeitada. E na área da cultura, o cenário piora muito. Pessoas com deficiência recebem pouquíssima oportunidade na arte, seja música, literatura, dramaturgia, escritores com deficiência são pouco vistos, pouco lidos, pouco valorizados, pouco divulgados. Quantos escritores, músicos, atores você conhece? Se a gente perguntar isso para qualquer pessoa aleatória, ou ela não vai conhecer ninguém, ou vai conhecer pouquíssimas pessoas. E nós temos um problema pior ainda! Além dos artistas com deficiência não serem valorizados como os demais, até uma pessoa com deficiência se tornar artista, o caminho é muito mais longo. Falta diagnóstico preciso para haver tratamento e autoconhecimento, falta ciência e acompanhamento médico de qualidade, falta política pública de acessibilidade, falta acesso a oportunidades, e acesso aos meios culturais para que a pessoa com deficiência tenha ferramentas e interesse de estar inserida na arte. É um tema muito delicado e amplo. Nós estamos avançando pouco a pouco, mas ainda existe muita luta. A luta só vai terminar quando as pessoas com deficiência não forem mais vistas por ninguém como incapazes, como dependentes, como infantis, como prisioneiras. A luta vai terminar quando forem proporcionadas políticas públicas de acessibilidade que viabilizem a produção e participação das pessoas com deficiência, de modo que todos nós nos sintamos bem vindos nos espaços. A luta vai ser concluída quando nós não precisarmos mais corrigir dez vezes por dia alguém que se utilizou de termos equivocados, patologizantes, segregacionistas e preconceituosos como “limitação”, “portador de deficiência”, “surdo-mudo”, “especial”. Eu, como a primeira surda integrante da Academia de Letras, quero fazer atividades artísticas voltadas para os surdos, farei questão de exigir a presença de intérpretes de Libras nos eventos e fiscalizar a condição de acessibilidade dos espaços escolhidos para as atividades. Outra coisa que eu quero muito é concretizar um projeto chamado RecitaLIBRAS que já faz parte dos meus sonhos há muito tempo e eu não consegui realizar ainda. O projeto do RecitaLIBRAS é um recital de poesia em Libras, onde cada acadêmico vai escolher uma poesia e vai treinar a sua declamação em Libras, e aí nesse evento a gente declamaria as poesias em Libras para uma plateia e a gente pode convidar pessoas surdas para declamar nesse evento também.

Perguntas rápidas:

Um livro que inspirou sua vida: Os Miseráveis, de Victor Hugo, mas O Mundo de Sofia, de Jostein Gaarder, foi o livro que me ajudou a escrever e a gostar de pensar sobre o mundo.

Uma conquista pessoal: Tem que escolher só uma? Eu escrevi um livro aos 13 anos, publiquei aos 16, fui a primeira da família a estudar Direito na Federal e fui a primeira surda a assumir uma Academia de Letras, e declamei o primeiro poema em Libras num evento da Academia de Letras. Publiquei três livros antes dos vinte anos. Também tive um conto e um poema publicados em Portugal, e um exemplar do meu livro As Chantagens de Monalisa foi vendido nos Estados Unidos. Não faço essa lista inteira por me faltar a modéstia, mas sim porque são tantas coisas bacanas que me aconteceram e que sou grata, e eu fico sem conseguir escolher uma só para falar.

Um momento inesquecível: A minha posse na Academia de Letras e a minha declamação de poesia em Libras. Foi a primeira vez que declamei um poema em Libras na vida. Além disso, a publicação do meu primeiro livro foi um momento marcante. Outro momento bem impactante foi a primeira vez que eu vi as minhas irmãs, Cecilia e Alice. Ali eu conheci o amor verdadeiro.

Um sonho ou um projeto de vida: Estudar literatura na Universidad de Salamanca, estudar a língua de sinais de diversos países diferentes, viajar pelo mundo fazendo caridade e ajudando pessoas. E nos últimos tempos, ser mãe também faz parte dos meus planos, especialmente porque independentemente de conseguir ser mãe biológica, quero muito adotar três filhinhas surdas. Quero dar muito afeto e apoio, ser mãe como a minha mãe foi para mim, e ensinar para elas as artes, as ciências, a música, tudo o que elas quiserem aprender. As minhas filhas vão ser extraordinárias. Uma vez eu sonhei com as filhinhas surdas que eu adotava, e acordei querendo que elas existissem só para eu poder ficar com elas.

Para finalizar: Eu gostaria de agradecer a oportunidade concedida pela Academia de Letras, e de dizer a todos, especialmente aos jovens, às mulheres, aos mais vulneráveis e aos surdos, que a gente pode tudo com um livro na mão. Aqueles que já conhecem o mundo dos livros e já gostam desse mundo receberão visibilidade, notoriedade e incentivo para seguir firme ainda mais. E aqueles que ainda não conseguiram apreciar a riqueza do mundo da leitura e da escrita serão incentivados e instigados a encontrarem o livro certo que irá fazê-los gostar de ler e mergulhar nesse universo mágico e encantador que é a literatura. Gostar de ler é a melhor coisa que alguém pode fazer por si mesmo.

PRESTAÇÃO DE CONTAS ALBIG 2022

PAGAMENTOS 2022			
	ITEM	DATA	VALOR
1	VENTILADOR PARA A ACADEMIA	03/mar	R\$ 169,90
2	CARIMBO ACADEMIA	16/mar	R\$ 65,00
3	BECAS ACADEMICOS MIRINS	21/mar	R\$ 1.150,00
4	ARRANJOS PARA A FESTA	28/mar	R\$ 95,00
5	XEROX REVISTA ALBIG	31/mar	R\$ 84,00
6	IMPRESSÕES DIPLOMAS ACAD MIRINS	31/mar	R\$ 75,00
7	IMPRESSÕES DIPLOMAS ACAD MIRINS	31/mar	R\$ 84,00
8	REFRIGERANTES EVENTO	30/mar	R\$ 111,36
9	SALGADINHOS E DOCINHOS EVENTO	30/mar	R\$ 557,00
10	XEROX DIPLOMAS	31/mar	R\$ 52,50
11	ARRANJOS FLORES SARAU NIVER BIGUAÇU	16/mai	R\$ 90,00
12	CARTORIO	24/mai	R\$ 131,44
13	IMPRESSÃO FOTO CESAR PASOLD	29/ago	R\$ 5,25
14	IMPRESSÃO FOTO CESAR PASOLD (ESPOSA)	01/set	R\$ 5,25
15	MOLDURA PARA QUADRO PASOLD (ESPOSA)	29/ago	R\$ 29,99
16	MOLDURA PARA QUADRO PASOLD	01/set	R\$ 34,98
17	ARRANJO FLORES SESSÃO PASOLD	29/08/	R\$ 80,00
18	MANUTENÇÃO CONTA	19/set	R\$ 28,55
19	COPIA REVISTA	29/set	R\$ 9,50
20	QUADRO FERNANDO	01/nov	R\$ 22,00
21	SALGADINHOS E DOCINHOS EVENTO	21/nov	R\$ 264,00
22	ARRANJO FLORES ANTOLOGIA	21/nov	R\$ 90,00
23	QUADRO OSMARINA	21/nov	R\$ 33,00
24	REFRIGERANTES EVENTO ANTOLOGIA	21/nov	R\$ 163,87
25	BOLO EVENTO ANTOLOGIA	21/nov	R\$ 370,34
26	ETIQUETAS ADESIVAS PARA ANTOLOGIA	21/nov	R\$ 16,00
27	ITENS QUE FALTARAM EVENTO ANTOLOGIA	21/nov	R\$ 92,25
28	ALMOÇO PARA AUXILIO NO EVENTO	21/nov	R\$ 88,70
29	LAVAÇÃO DAS TOALHAS DO EVENTO	10/dez	R\$ 97,00
TOTAL			R\$ 4.095,88

ENTRADAS	
ANUIDADE	R\$ 2.902,10
INVESTIMENTO	R\$ 10,92
SANDO ANTERIOR	R\$ 2.463,63
TOTAL ENTRADAS	R\$ 5.376,65
TOTAL DESPESAS	R\$ 4.095,88
SALDO BANCÁRIO	R\$ 1.280,77

Hélio Cabral Filho
Tesoureiro - ALBIG

Carlos Antônio de Souza Caldas
Presidente - ALBIG

Obs.: Todos os Documentos Fiscais, Notas, Comprovantes de Depósito, Pagamentos e Transferências, encontram-se, para verificação, no Casarão Borh



ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU – Casarão Born, Praça Nereu Ramos, n. 160, Centro - Biguaçu - Santa Catarina
Contatos: academia@academiadeletrasdebiguacu.com.br - (48) 999810467 (Presidente da ALBIG)



Presidente atual: Carlos Antônio S. Caldas

Responsável pela montagem e diagramação da Revista ALBIG/SC: Hélio Cabral Filho – heliocab@gmail.com

ACADÊMICOS

CADEIRA Nº 1
Josiane Rose Petry Veronese



CADEIRA Nº 2
Adauto Beckhäuser



CADEIRA Nº 3
José André Gesser



CADEIRA Nº 4
Oscar Silva Neto



CADEIRA Nº 5
Egídio Martorano Filho



CADEIRA Nº 6
Afonso Rocha



CADEIRA Nº 7
Rudi Oscar Beckhäuser



CADEIRA Nº 8
Gabrielle Beckhäuser Rodriguez



CADEIRA Nº 9
José Braz da Silveira



CADEIRA Nº 10
Janice Marés Volpato



CADEIRA Nº 11
William Wollinger Brenuvida



CADEIRA Nº 12
Ângela Regina H. Amin Helou



CADEIRA Nº 13
Ana Cristina Lavratti



CADEIRA Nº 14
Dalvina de Jesus Siqueira



CADEIRA Nº 15
Arlete Carminetti Zago



CADEIRA Nº 16
Carlos Antônio de Souza Caldas



CADEIRA Nº 17
José Ricardo Petry



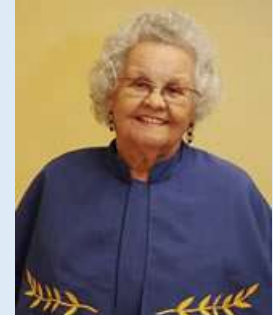
CADEIRA Nº 18
Sérgio Silva Schulenburg



CADEIRA Nº 19
Luiz Nocetti Lunardelli



CADEIRA Nº 20
Osmarina Maria de Souza



CADEIRA Nº 21
Fernando Henrique da Silveira



CADEIRA Nº 22
Valdir Mendes



CADEIRA Nº 23
Adriana Costa Alves



CADEIRA Nº 24
Valéria Maria Kravchychyn



CADEIRA Nº 25
Miguel João Simão



CADEIRA Nº 26
Rogério Kremer



CADEIRA Nº 27
Vanda Lúcia Sens



CADEIRA Nº 28
Esperidião Amin Helou Filho



CADEIRA Nº 29
Alzira Maria Silva dos Santos



CADEIRA Nº 30
Felipe Faria Ramos



CADEIRA Nº 31
Amanda Arruda



CADEIRA Nº 32
Hélio Cabral Filho



CADEIRA Nº 33
Dulcinéia Francisca Beckhäuser



CADEIRA Nº 34
Vera Regina da S. de Barcellos



CADEIRA Nº 35
Luciano Peres



CADEIRA Nº 36
Celso João de Souza



CADEIRA Nº 37
Pedro Paulo dos Santos



CADEIRA Nº 38
Neusita Luz de Azevedo Churkin



CADEIRA Nº 39
José Castelo Deschamps



CADEIRA Nº 40
Sandra Regina Clara N. Pinto

